

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, ABRIL/2009 - ANO XIII - Nº 147

EDITORIAL

O Jornal Nacional do último dia 8 de abril noticiou, para tristeza de toda a sociedade, o crescimento do número de usuários de crack nas cidades brasileiras. O consumo dessa droga – uma das mais devastadoras –, antes restrito às grandes cidades, chegou ao interior e já é consumida em Piquete. A sociedade, atônita e impotente, vê seus jovens se perdendo no intrincado labirinto das drogas. A facilidade com que elas chegam até eles mostra a organização do narcotráfico, enquanto a sociedade não consegue coibir sua distribuição e consumo com a mesma destreza.

Recentemente, a revista Veja, no artigo "Por que é difícil dizer não às drogas", mostra que as campanhas contra o uso de drogas e a exibição do efeito devastador que elas têm sobre a vida dos viciados deveriam ser suficientes para riscar esse mal da superfície do planeta. Não é o que acontece. Num desafio ao bom senso, um número enorme de adolescentes continua dizendo sim às drogas. Pesquisa recente mostrou que um em cada quatro estudantes do ensino fundamental e médio da rede pública brasileira já experimentou algum tipo de droga, além do cigarro e das bebidas alcoólicas. A idade do primeiro contato com esse tipo de substância caiu dos 14 para os 11 anos. Tais dados sinalizam um futuro bem ruim. Quanto mais cedo se experimenta uma droga, maiores são os riscos de se tornar viciado. As pesquisas também revelam que a maioria dos jovens sabe que as drogas podem se transformar num sério problema. Mas isso não basta para mantê-los longe de um baseado, de um papelote de cocaína ou de uma pedra de crack. Estudos apontam ainda que a curiosidade é a motivação que leva nove em cada dez jovens a consumir droga pela primeira vez. Em seguida, vem o desejo de se integrar a algum grupo.

No momento da iniciação das drogas, o adolescente não vê amigos morrendo, sendo pressionados por traficantes, nem se acabando nas sarjetas. Portanto, todas as ações devem ser voltadas para a prevenção, isto é, criar opções para que essa iniciação não ocorra. Educação, religião, esportes, artes, música e dança são exemplos de ações que devem ser desenvolvidas. Por meio delas, garante-se o reforço da auto-estima e a integração, afastando o jovem das drogas. Dizer não é a única forma de continuar a viver.



Foto arquivo Pro-Memória

O progresso acelerado dos últimos anos tem afastado o homem de suas raízes, fazendo com que ele perca suas tradições e deixe sua identidade cultural se diluir aos poucos. Na foto, tropeiros ao lado do Grêmio General Carneiro, em Piquete, em 1999.

Educação, cultura e meio ambiente

Nos últimos anos, uma nova ordem social está sendo estabelecida em todos os segmentos da sociedade, objetivando a melhoria da qualidade de vida de todos os povos. O sentido da vida deverá ser restabelecido em plenitude, com o resgate da dignidade humana e o combate às desigualdades sociais, à violência e às agressões ao meio ambiente, procurando proporcionar tanto ao homem urbano, quanto ao rural, a crença de que, se nos unirmos, teremos um futuro promissor.

As mudanças climáticas decorrentes do aquecimento global e suas repercussões atingem direta ou indiretamente a todos. É preciso, portanto, repensar essa relação predatória do homem com a natureza. Por outro lado, a globalização e a aceleração dos acontecimentos mundiais fizeram com que o homem deixasse de participar com maior intensidade do seu dia-a-dia e da vida comunitária. O progresso acelerado dos últimos anos tem afastado o homem de suas raízes, fazendo com que ele perca suas tradições e, em função do moderno, deixe que sua identidade cultural vá aos poucos se diluindo.

Hoje, os principais problemas da vida moderna decorrem, em sua essência, da falta de amor, da desagregação familiar e, principalmente, do desrespeito aos nossos semelhantes. Por meio da educação de qualidade, com ensino voltado para a

realidade local, o homem passará a conhecer, amar e respeitar o meio no qual está inserido.

Os problemas sociais, cada vez mais graves, não podem deixar que o homem perca a esperança de uma vida promissora. Atualmente, toda a sociedade discute o futuro e se organiza visando a um mundo melhor. Faz-se necessário repensar o meio ambiente e nossos valores culturais, na busca de sua recuperação e preservação, que se tornaram, nas últimas décadas, prioridades de todos os povos. Trata-se de uma questão de sobrevivência das espécies, incluindo-se aí o homem. Essa preocupação decorre de uma nova maneira de se perceber o mundo e da relação direta do homem com o meio em que vive. Essa nova educação é, essencialmente, uma proposta de filosofia de vida que incorpora valores éticos, democráticos e humanistas. Tem como ponto de partida o respeito pela diversidade natural e cultural, incluindo-se as especificidades de classe, etnia, gênero, orientação sexual etc. Assim, é preciso que haja, de maneira democrática, ações voltadas para uma educação holística, que proponham novos valores e práticas baseados em uma postura ética que propicie oportunidades para as pessoas e que estas desenvolvam sua criatividade, reaprendendo o mundo, sem estabelecer separações artificiais entre mestres e aprendizes, entre sexos, idades e saberes.

Imagem - Memória



A Estação "Estrella do Norte" é referência na paisagem piquetense desde a inauguração da Fábrica Presidente Vargas, em 1909. Obra executada pelo 1º Tenente de Engenharia Antônio José da Fonseca, faz parte de um dos mais destacados conjuntos residenciais militares – a Vila da Estrela.

A Estação Ferroviária Wenceslau Braz

Poucos em nossa cidade sabem que a Estação Ferroviária Estrela do Norte, do ramal férreo Lorena-Piquete, já foi denominada "Estação Wenceslau Braz".

Essa mudança de nome ocorreu em 1918 e, felizmente, não pegou, permanecendo o nome ainda hoje consagrado – "Estrela do Norte" –, referente à antiga fazenda de café comprada pelo governo federal, em julho de 1905, para a construção da Fábrica de Pólvoras sem Fumaça.

A prática de atribuir nome de figuras importantes de uma determinada comunidade a bens e logradouros públicos é bastante comum no Brasil como forma de prestar homenagem a tais pessoas. Essa prática reflete o desejo de perpetuar na memória das gerações o nome dos que, de alguma forma, contribuíram para o benefício de todos. No entanto, um problema detectado em muitos municípios brasileiros é a mudança constante de nomes de logradouros – praças, ruas, avenidas, monumentos, etc... Muitas vezes, essa mudança de denominação serve apenas aos interesses dos mandatários políticos do momento, desprezando-se, em consequência, a memória, a história e a tradição da localidade.

Quanto à mudança do nome da Estação ferroviária Estrela do Norte, foi um ato intempestivo, impensado. Não que o iminente mineiro de Brasópolis, Wenceslau Braz Pereira Gomes, não merecesse uma homenagem. Presidente da República no

período de 1914 a 1918, esteve em Piquete em visita à Fábrica de Pólvora sem Fumaça, na manhã de 20 de maio de 1918. Poucos meses antes, em 26 de outubro de 1917, o Brasil havia entrado oficialmente na Primeira Guerra Mundial. A Fábrica de Piquete, pela importância estratégica, foi comunicada de imediato, posta em prontidão com vigilância redobrada e teve sua produção aumentada significativamente, de maneira que, em dezembro daquele ano, um lote de pólvora de base simples foi enviada pela primeira vez para a Marinha.

Quando de sua visita à Fábrica, o Presidente Wenceslau Braz se fez acompanhar pelos Ministros da Guerra, Marechal José Caetano de Faria, e da Viação e Obras Públicas, Tavares de Lyra; pelo Diretor de Material Bélico, General Feliciano Mendes de Moraes, além do Diretor da Estrada de Ferro Central do Brasil, Dr. Aguiar Moreira, e de membros das Casas Militar e Civil da Presidência da República. Foram recebidos com todas as formalidades, percorreram todas as oficinas e dependências da Fábrica, "recebendo a melhor impressão", conforme expressou o Presidente em eloquente e afetuosa alocução que dirigiu a todo o pessoal da Fábrica por ocasião do almoço que lhe foi servido, no Cassino dos Oficiais, na Vila da Estrela, antes de seu regresso, às 14 horas.

Voltada para a defesa nacional, a importância estratégica da Fábrica levou o governo federal a determinar, de imediato, a

construção da Estrada de Ferro Piquete-Itajubá, não só para escoamento de produtos, mas também para o transporte de tropas militares, com a finalidade de garantir a segurança dessa indústria bélica.

Logo após a honrosa visita presidencial e das altas autoridades governamentais, em aditamento ao artigo 2º do boletim nº 44 de 21 de maio de 1918, da Diretoria da Fábrica, foram dados os nomes de "Dr. Wenceslau Braz", "Tavares de Lyra", "General Moraes" e "Aguiar Moreira", respectivamente, às estações e paradas "Estrela do Norte", "Parayba", "Limeira" e "Bela Vista".

Por pouco tempo, em alguns documentos oficiais esses nomes foram registrados, voltando naturalmente a ser escritos os nomes consagrados quando da inauguração do ramal férreo Lorena-Benfica, em 15 de setembro de 1906.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 1997

Diretor Geral:

Antônio Carlos Monteiro Chaves

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor: Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204

Tels.: (12) 3156-1192 / 3156-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino Gonçalves Dias Jr.

Tiragem: 1000 exemplares

A Redação não se responsabiliza pelos artigos assinados.

GENTE DA CIDADE

Cel. Claudino de Barros

Há cinquenta anos, um jovem capitão do Exército fez parte da comissão responsável pela publicação da revista do cinquentenário da Fábrica Presidente Vargas. Com seu trabalho, proporcionou-nos um registro daquelas festividades históricas. Hoje, aos 92 anos, o coronel reformado Claudino Ferreira de Barros é um dos poucos privilegiados a se orgulhar de também presenciar as comemorações do centenário da instituição na qual trabalhou por vários anos.

O Cel. Claudino é carioca, nascido a 7 de novembro de 1916, filho de Onofre e Georgina Ferreira de Barros, e chegou a Piquete ainda no posto de 2º Tenente, em 1953. Desde então, manteve-se ligado à vida da comunidade piquetense, inclusive durante o período em que serviu na Fábrica da Estrela, atualmente uma das empresas da IMBEL, e em Porto Alegre.

Na Fábrica, Claudino de Barros atuou em diversas funções, como as de Secretário da Direção Geral, Chefe da Divisão Administrativa do Departamento Educacional, Secretário do Centro Social, Chefe dos departamentos de Pessoal e de Assistência do Pessoal.

No exercício de suas variadas atribuições como chefe do Departamento Pessoal, conseguiu a ampliação da delimitação das áreas de risco do estabelecimento, proporcionando, por consequência, a extensão do pagamento do chamado "risco de vida" a grande número de servidores. Em 1979, já após seu afastamento da FPV, a superintendência da instituição à época solicitou-lhe suporte em assuntos pertinentes à administração de pessoal. Sua contribuição permitiu a regularização de inúmeros servidores que haviam prestado serviços à Fábrica na condição de "avulsos". Teve definitiva participação, também, na elaboração do Almanaque dos Servidores



Civis da Fábrica Presidente Vargas, edição de 1973, outra rica fonte de consulta da história da vida funcional dessa empresa.

Na comunidade piquetense, Claudino de Barros colaborou na organização e manutenção do Grupo Escoteiro "Coronel Coelho" criado no município sob a direção do chefe "Batistinha". Apaixonado pela Mantiqueira, incentivou e divulgou, por meio de reportagens, crônicas e a edição de uma revista, o montanhismo em Piquete. Esta revista permitiu a divulgação do Pico dos Marins e de Piquete pelo Brasil a fora. Foi, ainda, membro fundador da Sociedade Amigos de Piquete e da Faculdade de Engenharia Química de Lorena, atual EEL-USP.

Além de militar, é jornalista profissional, tendo sido redator-responsável de diversos periódicos, jornais e revistas em Piquete, Lorena e Guaratinguetá; foi redator-responsável pelo jornal "O Labor" entre os anos de 1968 e 1974. Amante dos esportes,

foi professor de Educação Física do

Exército. É licenciado em Segurança do Trabalho, área em que atuou após dar baixa do serviço militar.

Atualmente, o Coronel Claudino reside em Lorena. Cidadão Honorário de Piquete, jamais deixou o convívio com a cidade e amigos. Casado com Nelita Cunha de Barros, tem três filhos, 5 netos e 5 bisnetos. O Cel. Claudino faz parte da história da FPV. É respeitado como grande batalhador pela segurança e qualidade de vida dos operários.

Currículo Escolar: tudo ou quase tudo!

Recentemente, atuando como formadora em um seminário de educação que envolvia professores de diversas áreas do conhecimento, para dar início à nossa conversa, perguntei aos colegas: qual o papel da escola? Imaginava que a resposta seria dada de pronto. Para minha surpresa, um silêncio tomou conta da sala. Depois de algum tempo, algumas respostas foram timidamente lançadas: formar cidadãos, preparar para a vida, respeitar as diversidades... O silêncio seguinte foi o meu! Nem um professor, em mais de meia hora de conversa, sinalizou que cabe à escola ensinar.

Quando eu disse que o principal papel da escola é ensinar, houve certa perplexidade na platéia e uma espécie de decepção em relação à formadora. Tradicional, por certo!

Isso comprova que, atualmente, são atribuídas tantas funções à escola, que sua função principal foi deixada de lado. A escola é, por excelência, o espaço social de formação humana, cuja organização é institucionalizada e cuja ação de ensino deve ser intencionalmente planejada.

Por fim, os professores acabaram por concordar comigo. Nosso questionamento seguinte foi: o que ensinar?

Mais uma vez os professores titubearam. Eles disseram que isso é muito relativo, que vai depender de escola para escola, do tipo de aluno, das orientações das secretarias de educação... Não houve um só professor que tivesse claro o que deve ensinar. Isso não acontece só com esses professores. É algo mais ou menos generalizado e tem a ver com a noção de currículo que vem se construindo na educação brasileira.

Ao longo do tempo, os estudos ampliaram a noção de currículo. A idéia que se postula hoje é a de que tudo o que acontece na escola é currículo. Abandonamos a visão reducionista do currículo como um rol de conteúdos, para uma visão tão ampla, que o currículo se tornou tudo ou quase tudo que acontece na escola.

O grande perigo é que essa visão muito ampla de currículo pode distanciar o currículo das questões reais da escola e — o que seria desastroso — distanciar a escola da sua função de ensinar.

Não se pretende aqui negar os avanços no campo de pesquisa e da teorização do currículo. Entretanto, os professores continuam sem saber responder o que ensinar. E essa é uma questão que parece não ser respondida pela teoria. Existe claramente uma tensão entre a teorização curricular e a prática curricular. Isso porque o que se produziu teoricamente sobre currículo não corresponde à prática efetiva de currículo. É muito provável que a teorização não tenha levado em conta a escola real.

Superar esta tensão é ponto de partida para que no interior das escolas e dos sistemas de ensino se consiga definir uma proposta de currículo que contemple a evolução teórica e prática, e que se responda efetivamente à questão central da escola: o que ensinar? É tudo ou nada!

Laura Chaves, em abril de 2009

Cel. Claudino (de terno) e grupo de escoteiros "Coronel Coelho", em Piquete. Em primeiro plano, o chefe Batistinha.





As comemorações do Centenário da Fábrica Presidente Vargas

"Nós não conhecemos o verdadeiro valor de nossos momentos até que eles se submetam ao teste da memória."

(Georges Duhamel)

O mês de março deste ano foi histórico para Piquete e para os piquetenses. São raros os momentos em que se comemora o centenário de uma instituição, como aconteceu em nossa cidade. A Fábrica – sua identidade não exige nenhuma outra menção, como bem o disse Eunice Ferreira em artigo da edição anterior deste Informativo – completou 100 anos juntamente com a população. Todos os eventos realizados ao longo da semana de 14 a 21 de março foram direcionados à comunidade piquetense: alvorada, trilha com jipeiros, caminhada ciclística, visita à Fábrica, torneios de futebol, concurso de redação, palestras, cultos religiosos, exposição, lançamento de livro, baile... Enfim tudo... E a data de 15 de março foi saudada e reverenciada com a importância que lhe é devida. Salve, FPV!

Exposição

"FPV – 100 anos de História"

A Fundação Christiano Rosa tem a Fábrica como parceira desde sua instituição, há 12 anos, e não poderia ter sido diferente nesta data. Detentora de amplo acervo fotográfico e documental, organizou uma rica exposição fotográfica homenageando e historiando a

Fábrica desde os primeiros estudos para a escolha do local de sua instalação até os dias atuais. Esta exposição ficou até o dia 04 de abril no Espaço Cultural "Célia Ap. Rosa" e recebeu mais de 700 visitantes.

Na noite de 14 de março, a abertura da exposição "Fábrica Presidente Vargas - 100 anos de História" contou com inúmeros convidados e autoridades, que usaram da palavra para enaltecer a importância da FPV para Piquete. Ana Maria Gouvêa, presidente do Conselho Curador da FCR, abriu a exposição convidando a professora Dóli de Castro Ferreira para historiar a data. Em seguida, Pe. Mário Bonatti, cidadão honorário de Piquete, exaltou o progresso desenvolvido pela FPV nesse século e a importância de sua preocupação ambiental, que ganhou forças nos últimos anos com os trabalhos realizados em parceria com a Fundação. Antônio Carlos Monteiro Chaves, Diretor da FCR, incitou os convidados a colaborarem com a FCR na coleção de fotos e documentos sobre a história da FPV e de Piquete, e, acertadamente, classificou como histórica a noite, pois naquele momento ratificava-se a importância dos resultados das intervenções militares na região, iniciadas em 1902 com a visita do então Ministro da Guerra, Marechal João de Nepomuceno Mallet, a Piquete, quando foi definida a instalação da

Fábrica. Foi, realmente, uma noite memorável. Para a FCR foi ainda mais gratificante poder observar a emoção dos visitantes ao identificarem parentes e amigos nas imagens expostas. Confirmou-se a epígrafe do início deste texto, a qual afirma que não conhecemos o verdadeiro valor de nossos momentos até que eles se submetam ao teste da memória – a fotografia tem o poder de resgatar esses momentos e, junto com eles, lembranças e emoções. Para ajudar a memória, uma maquete da FPV foi exposta, surpreendendo os visitantes por mostrar sua imensa área.

Ainda durante a exposição, o Cel. Weldon Massi falou sobre a parceria FCR/FPV/IMBEL, que sempre teve como resultados benefícios para os operários da FPV e, consequentemente, para a população de Piquete.

Também no dia 14 de março foi lançado o exemplar 147 do "O Estafeta", uma edição especial com 12 páginas, alusiva à data e organizada pela FCR para servir como fonte de pesquisas para todos que buscarem conhecer melhor a FPV.

"Estórias Centenárias"

Em 19 de março, mais um evento organizado pela FCR no Espaço Cultural "Célia Ap. Rosa" movimentou a cidade: o lançamento do livro "Estórias Centenárias", do coronel piquetense Wanderley Sardinha. Emocio-





As comemorações do Centenário da Fábrica Presidente Vargas

nado, Sardinha foi saudado por várias autoridades como o Gen. Álvaro Henrique de Moraes e o Cel. Alfredo Araújo, respectivamente Presidente e Diretor da IMBEL, Cel. Massi, os ex-prefeitos de Piquete, José Armando de Castro Ferreira e Alaor Ferreira, vereadores, e diversos convidados, que fizeram fila para receber um autógrafo do autor em seu novo livro.

Cerimônia do Centenário na FPV

No dia 20 de março, data reservada para o evento oficial comemorativo do Centenário, a Fábrica Presidente Vargas, sob a direção do Cel. Weldon Maranhão Massi, que contou com o apoio de uma equipe especialmente destacada, proporcionou momentos agora históricos para seus colaboradores e convidados. Durante a cerimônia, que contou com a presença do General Moraes, Presidente da IMBEL, além de diversas autoridades militares e civis, o Cel. Massi discursou sobre o 15 de março, mostrando interesse pela pesquisa. Visivelmente satisfeito, afirmou-se privilegiado por estar conduzindo a FPV em seu Centenário e apresentou planos e projetos de melhoria para a empresa. Foi uma demonstração do esforço da direção da FPV e da IMBEL para preservar essa indústria que tanto fez e ainda faz por Piquete. Massi ressaltou que os principais mercedores das festas promovidas são os operários da FPV,

pois é deles a responsabilidade pela sua grandeza. Dois colaboradores foram especialmente homenageados na ocasião pela excelência dos trabalhos. Além disso, o superintendente inaugurou o novo refeitório da FPV, mais moderno e equipado, deixando claro que uma das prioridades de sua gestão será a qualidade de vida do operariado. A cerimônia contou com a presença de cinco ex-superintendentes da FPV, que registraram mensagens no Livro de Ouro da empresa. A história literalmente sendo escrita... Foram entregues, também, troféus aos alunos vencedores do Concurso de Redação realizado nas escolas de Piquete, sob o tema "A Fábrica Presidente Vargas".

O Baile do Centenário

Na noite de 21 de março, um grande baile foi promovido no Ginásio Duque de Caxias. Especialmente decorado, o prédio carinhosamente conhecido como "Elefante Branco", inaugurado em 1952 pela FPV, e que também foi palco das comemorações de seu quinquentenário, recebeu autoridades e convidados da FPV. Mais uma vez, o anfitrião, Cel. Massi, fez questão de agradecer especialmente ao corpo de operários, além de prestar as devidas homenagens a todos os que colaboraram para o brilhantismo dos eventos. O baile proporcionou momentos de diversão para todos os presentes, que lotaram a pista de dança até o

final, e fechou com chave de ouro a semana comemorativa.

Relatar eventos do centenário da FPV é para mim uma grande honra. Foi consenso entre muitos a idéia de que se estava contribuindo para a história da FPV e de Piquete naquela semana. Também se comentou que, nas comemorações do bicentenário, serão nossas as fotos observadas... Oxalá o seja! É o que desejamos para a Fábrica Presidente Vargas – crescimento, desenvolvimento, progresso e vários centenários! Piquete ser-lhe-á eternamente grato. Os piquetenses desta e de futuras gerações também o serão, certamente.

Concluo, então, como o fez em 1909 o 1º Ten. Antônio Miguel Barbosa Lisboa, que lavrou a ata de inauguração: (...) e para constar, digitou-se este texto, que eu, Laurentino Gonçalves Dias Júnior, por designação do Sr. Diretor do "O Estafeta", Dr. Antônio Carlos Monteiro Chaves, redigi, e aqui vai publicado nesta edição de número 147 deste Informativo, no ano do Centenário da querida e respeitada Fábrica Presidente Vargas, que nasceu para a defesa do Brasil!

Acesse estas e outras fotos e textos na página da internet comemorativa dos 100 anos da FPV:
<http://fcrfpv100anos.multiply.com>



Crônicas Pitorescas

O prêmio da paz

A boa paz muitas vezes nos priva de um "hobby" ou mesmo algo necessário para que um estado de beligerância não seja declarado. Não deixa de ser uma aceitável política de boa vizinhança este sacrifício, embora geralmente ela não seja aplicada em retorno.

Há tempos atrás, quando fui incumbido por minha mulher de comprar uma galinha para um melhorado, quase desmaiei com o preço. Como sempre fui alheio ao movimento cambial das penas, jamais poderia imaginar o peso-de-ouro que estavam valendo. Minha ignorância no assunto era tanta, que tratava a mercadoria por galinha, quando na realidade, segundo me disseram, os sacrificados são os frangos. Tendo em vista meu suado dinheirinho, ganho só eu sei como, tomei uma seríssima resolução. Tenho quintal, criarei galinhas.

Não demorou muito para que comesçassem a despontar os primeiros contratempos. Minhas galinhas adoravam fazer seu "footing" ciscador na horta do vizinho da direita. Reclamações, indiretas etc e tal, acabei com a criação na panela.

Por que existe a lei da compensação? Uma horta compensa em lucro o preço de um frango – agora já sei! – para o domingo ajantarado. Surgiu então mais uma resolução importantíssima: farei uma horta!

Palmyro Masiero

Quantos calos nas mãos ignorantes de pesos! Terreno pronto, adubado, sementes, espera... Nada como a expectativa de ver os brotinhos brotarem. Será que falta água? Toma água! Vai dia, dias... Eis que o sol anuncia um em que, preguiçosamente, umas pintinhas verdes vão tonalizando a terra. Vibração! Dúvidas nascem. Ervas daninhas? Mais espera... Não! Rabanetes mesmo!

E aumenta o carinho com os recém-brotados. Os dias correm e as folhinhas vão tomando novas formas. Com um tremendo choque, divisamos certa manhã movimentada em nosso quintal. As galinhas do outro vizinho deleitando-se com nossos canteiros e regalando-se com os novos rebentos. Enxotamo-las, esbravejando.

Arrumamos a cerca demonstrando uma cara zangada, para ser entendida não pelas galinhas, é lógico, mas pelos donos, que com elas não se entenderam. No outro dia lá estavam elas novamente. E no outro, no outro... Quando demos pela coisa, a pobre hortinha estava em frangalhos (como o termo veio mesmo a calhar!), com os natimortos rabanetes nos últimos estertores. Acabou-se a horta. As galinhas venceram!

Voltei a comprar frangos e verduras. Até hoje continuo me dando bem com os vizinhos.

Semana da Água 2009

Em comemoração ao Dia da Água, o Comitê das Bacias Hidrográficas do Paraíba do Sul (CBH-PS) realizou, no dia 25 de março, no Teatro São Joaquim, em Lorena, um seminário abordando o tema "Conservação e Recuperação de Recursos Hídricos" presidido por Edilson de Paula Andrade Secretário Executivo do CBH-PS. Com a presença de 210 pessoas, foram apresentados trabalhos em desenvolvimento na bacia do Paraíba do Sul: ISO 14.021 – Autodeclaração Ambiental: processo de certificação da Pousada Vizinha da Lua, pelo Dr. Francisco Chaves; Ações na microbacia do Ribeirão dos Macacos, pelo Eng. João Marcelino e Geógrafa Alessandra Andrade, do Instituto Oikos de Agroecologia; Ações na microbacia do Ribeirão Limeira, pelo Dr. Antônio Carlos Monteiro Chaves, da Fundação Christiano Rosa. Além das comunicações, o Prof. Paulo Henrique Pereira, do Dep. de Meio Ambiente da Prefeitura Municipal de Extrema/MG, apresentou o "Projeto Conservador

das Águas – Conservação de recursos hídricos e produção de águas." A palestra despertou grande interesse de produtores rurais, do meio acadêmico, de ONGs, de técnicos e de Prefeituras da região.

Marcaram presença, entre outras autoridades, Secretários de Meio Ambiente da região, vereadores, o reitor da EEL-USP, Prof. Dr. Nei Fernandes de Oliveira Júnior, a Diretora Regional do DAEE, Engenheira Marli Aparecida R. M. Leite, os professores da EEL-USP Teresa Cristina Brazil de Paiva e Adilson Gonçalves, membros do Sindicato Rural de Lorena, Piquete e Cachoeira Paulista e estudantes de Geografia, de História e de Direito da UNISAL-Lorena.

O evento foi organizado pela Fundação Christiano Rosa, de Piquete, por meio de projeto financiado pelo FEHIDRO, em apoio às atividades do CBH-PS. A FCR teve como parceiro o Dep. de História e Geografia da UNISAL, coordenado pela professora Elisa Regina Gomes Torquatto Salles.



Foto arquivo Pro-Memória

O pinhão

Edival da Silva Castro

Quando vai terminando o mês de março e se aproximando o de abril, as bancas das feiras livres enchem-se de pinhões.

Tenho muitas lembranças dessa época. Lembro-me de quando era menino e brincava de jogar pinhão. A brincadeira exigia um terreno plano de mais ou menos uns três metros de comprimento. No final deste, e encostado numa paredinha, um buraco de forma arredondada, onde o pinhão jogado tinha que entrar. Acontecendo isto, o jogador ganhava os pinhões que se encontravam à volta. Era uma brincadeira criativa, em que tínhamos o pinhão feiteiro, o maior deles, enfeitado com colar de milho, e o "patiguira", o menor. O feiteiro, quando atirado na raia, era para atrair má sorte ao jogador seguinte, e o "patiguira", pela facilidade em se acertar a "biloca".

Quando chegava à varanda da casa do meu saudoso cunhado Paulo Aguiar, ouvia o zumbido da panela de pressão: sabia que o pinhão estava sendo preparado num fogão improvisado, a lenha, lá no fundo do quintal. O abastecimento do fogo era com gravetos e galhos secos duma mangueira, que todo ano era podada, e o lenho guardado para essa finalidade. O Paulo dizia que no fogão a lenha o pinhão ficava macio e saboroso, e óbvio, economizava gás.

Importante era cozinhar lentamente, para que a casca se abrisse e liberasse todas as suas qualidades de aroma e sabor.

O pinhão é por muitos considerado um fruto, já que é servido como aperitivo e usado em várias sobremesas. Os estudiosos dizem também que é afrodisíaco.

O pinhão se forma dentro duma pinha, fechada, que, com o tempo, vai-se abrindo e libera o pinhão. Quando ele se descola da pinha madura e se espalha, inicia-se o processo de crescimento dum novo pinheiro.



Acesse, leia e divulgue o Informativo da FCR
"O ESTAFETA"

www.fundacaocrisnorosa.cjb.net

O Operariado Piquetense

A memória coletiva de uma classe

A análise da memória coletiva é um exercício de cidadania. Através dela, os pontos de referência se estruturam para constituir as sequências que se organizam no imaginário das pessoas, que assim se reconhecem membros de uma coletividade. Criam-se, a partir desse exercício, bens patrimoniais, sejam materiais ou imateriais, e ainda, histórias de vida.

No evento comemorativo do centenário da inauguração da Fábrica de Pólvoras, hoje Fábrica Presidente Vargas, é sintomático observar como na memória coletiva os acontecimentos se engendraram numa rede de nós articulados aos fios, como numa teia de fatos e de protagonistas. Se nos detivermos nos arranjos desta referida teia, moldados pelos trabalhadores dessa indústria bélica e suas famílias, teremos, de um lado, militares de todas as patentes da escala hierárquica, e, de outro, os operários, por sua vez também hierarquizados segundo as respectivas funções.

Dois fatores se conjugaram para explicar a presença laboriosa dos chamados operários. Em primeiro lugar, a necessidade de mão-de-obra, que foi selecionada entre os alfabetizados e com alguma escolaridade, na expectativa da formação de um quadro de funcionalismo de caráter urbano, principalmente no momento em que o café migrava para outras terras. De outro lado, como fator combinatório, o acesso conveniente dos analfabetos e brancos pobres, oriundos dos trabalhos rústicos rurais, e os totalmente desocupados, e, entre estes, os negros libertados da escravidão pela Lei Áurea (13-05-1888). Além dos já anteriormente alforriados pela Lei do Ventre Livre (1871) e Lei dos Sexagenários (1885), e ainda os vinculados aos proprietários que os "adotavam", com trabalho não remunerado, a troca do sustento.

Era atraente a idéia de compor-se no mercado de trabalho, cuja organização não tinha as especificidades do atual, nem as garantias trabalhistas que chegaram mais tarde. Mas a expectativa de um trabalho pago e as mínimas garantias de possuir uma casa para a família poderiam representar um motivo considerável. Afinal, entre os desqualificados descalços assomavam os burocratas calçados. Possuir um calçado parecia ser uma distinção de classe. Nas fotos da época, retratam-se essas distinções.

É interessante notar como as publicações de entrevistas com pessoas cujo

trabalho se referenciou nesse estabelecimento, em diferentes épocas, mostram-se reveladoras dessa memória coletiva expressa em lembranças relatadas ou



mergulhadas nos silêncios.

Como se articulavam os fios entre memória coletiva e memória individual? Quais lembranças ficam em posição subterrânea?

A seletividade das memórias envolve sempre um caráter de "negociação" para conciliar esses dois tipos. No duplo dessa articulação é interessante discutir as razões do silêncio e dos "esquecimentos" versus a epopéia do trabalho sem reclamação e a de uma dependência de obediência beneditina. Não se reclama de nada, especialmente salário. Obedece-se para garantias.

O chamado bom comportamento era digno de elogios e possibilidade de ascensão na escala de valores traduzidos nas funções, com os respectivos achegos salariais e vantagens.

Figuras paradigmáticas eram invocadas como exemplificação na norma do trabalho e dos relacionamentos. A hierarquia dominante definia os papéis e as ideias políticas eram afastadas por perigosas e não importantes.

Treinava-se a mão-de-obra e estabeleciam-se os padrões comportamentais. Esse modelo foi bem constituído pelo Estado Novo (1937-1945), com Vargas no poder, e mantido sob o governo do Marechal Eurico Gaspar Dutra (1946-1950) - época em que o conceito educacional ganhou corpo para o modelo vocacional já delineado pelas Escolas Profissionais.

A memória coletiva se reforçava pelos "acertos" dessa organização laborial, "apagando" as memórias subterrâneas e validando o que podemos chamar de uma

"Memória Oficial" impregnada pela escolaridade e a difusão entre as famílias. Tivemos, em Piquete, um modelo de educação privilegiado que atingiu seus fins e, por essa memória oficial, registra-se a que o povo contempla com entusiasmo. O sistema assistencial da Fábrica assim é referido.

As perdas, inclusive de vidas, os acidentes de várias gravidades frente aos perigos dos materiais explosivos, acabavam amortecidos pelo exacerbamento dos sucessos. Os "esquecimentos" e o silêncio funcionavam como plena aceitação do fatalismo. Marcavam os espíritos da população fabril, enquanto as medidas preventivas, embora aconselhadas, não ganhavam entre eles o necessário cuidado. Não havia completa in-

trospecção do perigo, embora temido por todos. Amortecia-se tudo no lazer e na frequência aos bares, onde o álcool era uma espécie de "lenitivo" irresponsável.

Mas, como é comum acontecer, as "memórias subterrâneas" fazem seu trabalho e as tramas tecidas entre a memória coletiva oficial adquirem atalhos que perturbam, embora não ajam perceptivelmente. Conflitos e disputas ensejados nas linhas intrigadas dão ao tecido uma característica muito própria de ação, apenas entredemonstrada no terreno das redes de proteção formada pelos apadrinhamentos e seus opostos.

Afinal, um tema complicado que envolve jogos de poder, muito próprios de toda comunidade humana em que o caráter democrático indica-se como modelo, mas revela-se apenas formalizado. Getúlio Vargas, cuja imagem era rotulada como "Pai dos pobres", aninhava-se nesses corações conturbados e era entronizado em suas salas-de-visita.

Estou me referindo a um tempo no qual prevalecia a visão tradicional de ver os líderes como porta-vozes do destino. Tempo das hierarquias verticais, da articulação dos mandos para as submissões impositivas. Tempo que incluía a retórica das vozes de comando para representar uma linguagem de determinação de fórmulas a seguir determinantes do comportamento.

Tempo que hoje é mobilizado pelo pensamento democrático, cuja proposta é a inclusão social na retórica da igualdade, para evitar discriminações e pressupostos excludentes.

Dóli de Castro Ferreira

Ser ou estar Índio

No II Simpósio da Amazônia, Paniel Modelo de desenvolvimento, disse o professor Elimar Pinheiro do Nascimento, da Universidade de Brasília: "o melhor aluno da turma é um índio que chegou ao nível superior sem precisar de políticas afirmativas".

Quer isto dizer: o aluno índio concorreu a uma vaga em igualdade de condições com os demais candidatos.

No julgamento do Supremo Tribunal Federal, o Brasil todo surpreendeu-se com a atuação da advogada Joêmia Wapixana. Pertence ela a uma das tribos que, havia décadas, lutavam pela homologação da reserva Raposa-Serra do Sol, em Roraima.

Quem associa o significativo índio a mato, urucum, tacape e plumas de aves logo se espanta – mas este, esta não são mais índios!

Afinal, quem são estes tais índios a quem a Constituição de 88 garante uma série de direitos?

Índios são todos os povos que já habitavam o continente americano antes da chegada de Cristóvão Colombo.

São muito semelhantes quanto à cor e à forma corporal. Há diferenças de estatura, forma da cabeça, tonalidade da tez e textura do cabelo. A variabilidade é atribuída, na maioria dos estudos, ao ambiente. Por exemplo, o ar rarefeito dos Andes produziu um tipo físico diferente.

A semelhança fenotípica parece repetir-se no genótipo. Exemplificando, os grupos sanguíneos dos indígenas americanos raramente fogem à regra O, M, Rh+.

Recentemente, cientistas japoneses se deslocaram até o Peru e analisaram o DNA de índios da etnia quíchua (inca). Verificaram que a sequência das letras é idêntica à do



DNA de habitantes do norte do Japão, que destoam do comum dos japoneses pela pele clara, maçãs do rosto rosadas, pelos no rosto e ausência da prega palpebral.

Com um território tão grande e variado à disposição, causa surpresa a uniformidade desses povos qualquer que seja a medida do tempo de sua permanência.

Os dados que acabo de considerar valem para os indígenas brasileiros de nossos dias.

Quem nasce índio morre índio. Se um índio se casa com uma índia de outra tribo, seu filho ainda mantém o fenótipo e o genótipo da população da América pré-colombiana.

Uma criança só deixa de ser índia se é fruto de um casamento com um não-índio: tem pai ou mãe de origem européia, africana ou asiática. Será, então, mestiça, como a maioria das crianças do período colonial. Não pode ser impedida de conviver com a gente de seu pai índio ou de sua mãe índia. A escolha é da família. Ou da tribo.

Foi salutar a decisão do Supremo favoravelmente à Raposa-Serra do Sol. Agora, todos os índios ficaram sabendo que existem leis que implicam direitos e deveres.

Todos os indígenas precisam tomar conhecimento das vias legais de convivência com os outros brasileiros.

Pelo seu tipo de cultura, os índios não poluem as águas e não destroem as matas. Mas, pelo contato com os garimpeiros, precisam ser informados de que as riquezas do subsolo pertencem ao governo federal e a este cabem as tratativas sobre o assunto.

Também devem ser informados de que todo brasileiro, índio ou não, tem direito ao livre trânsito, à liberdade de ir e vir.

Muito cuidado devem ter os órgãos encarregados da garantia dos direitos dos índios com as tribos que ainda não mantêm contato com a população brasileira. As demarcações de proteção já devem levar em conta a possibilidade de eles virem a se incorporar à comunidade nacional.

Como os índios gostam muito de sentar para conversar, é só chamar as lideranças e discutir, em uma arenga bem descansada, até colocar todos os pontos no papel.

Com a anuência dos velhos das tribos ninguém deixará de cumprir as determinações. Aí, todo dia será dia de índio.

Abigayl Léa da Silva

Eu vi a miséria do meu povo

Pe. Fabrício Beckmann

Neste mês de abril celebramos a Páscoa, festa que Jesus celebrou com seus discípulos há quase dois mil anos atrás, antes de ser martirizado na cruz. No capítulo 26 do evangelho de Mateus lemos: "*No primeiro dia dos ázimos, os discípulos se aproximaram de Jesus e perguntaram: onde queres que façamos os preparativos para comermos a páscoa?*" A Páscoa é a memória do evento mais importante da história do povo de Israel, a libertação da escravidão do Egito, quando, de um grupo de homens e mulheres miseráveis, sem identidade e extremamente oprimidos, Deus fez para si um povo, revelando-se um Deus sensível aos pobres, favorável aos pequenos, e opositor dos prepotentes egípcios. No capítulo 3 do Livro do Êxodo, temos registrado o eixo de compreensão de toda a Escritura Sagrada: "*Javê disse: Eu vi muito bem a miséria do meu povo que está no Egito. Ouvi seu clamor contra seus opressores e conheço seus sofrimentos. Por isso desci para libertá-los do poder dos egípcios e fazê-los subir dessa terra para uma terra fértil e espaçosa.*"

Celebrar a Páscoa era, para Jesus e para todo o povo de Israel, atualizar, não apenas no rito, mas principalmente na vida, a libertação promovida por Deus. A Páscoa era, portanto, a festa da liberdade, da

conquista da dignidade, da posse da terra, do pão sobre a mesa, da remuneração justa pelo trabalho realizado. Coisas das quais o povo carecia no Egito, antes de Deus concedê-las como dom.

No tempo de Jesus, a Páscoa, embora fosse uma festa ritual de grande importância, já não acontecia na vida do povo. Havia na Palestina muitas injustiças sociais, a terra estava invadida pelos romanos, os camponeses eram obrigados a pagar pesados impostos. No templo de Jerusalém estava implantado um sistema religioso que explorava a fé das pessoas através de dízimos e sacrifícios; os sacerdotes e as elites religiosas, diferindo-se do povo, viviam luxuosamente em Jerusalém. No início de seu ministério, ao entrar numa sinagoga, Jesus diz, lendo o livro de Isaías: "O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me consagrou com a unção para anunciar a Boa Notícia aos pobres, a libertação dos presos e recuperar a visão dos cegos, libertar os oprimidos e para proclamar um ano da graça do Senhor". A vida de Jesus, desde seu batismo, foi uma entrega pela causa pascal. Ele assumiu a luta pela atualização da libertação na vida do povo que novamente estava oprimido, a ponto de ser crucificado, após um conluio dos poderosos, que se sentiam ameaçados por sua pregação

libertadora. Mas a Páscoa que Jesus havia pregado realizou-se primeiro em sua própria vida: depois de três dias de sua morte, ele ressuscitou. Deus o libertou dos que o condenaram à cruz e mostrou que é maior que a arrogância dos violentos que promovem a morte. A ressurreição fortaleceu a fé da primeira comunidade dos discípulos de Jesus. Seus discípulos pregaram a ressurreição como o grande sinal da vitória perene do Deus libertador: "*Deus ressuscitou a este Jesus e nós somos testemunhas disso. (...) Que todo o povo de Israel fique sabendo com certeza que Deus tornou Senhor e Cristo aquele Jesus que vocês crucificaram*" (At 2,36). Deus não só libertou seu servo Jesus da opressão e da morte, mas também o exaltou dando-lhe o título de Senhor e Messias. Por isso, seus seguidores, sem medo, continuaram lutando pela Páscoa e acreditando que ela sempre acontecerá pela força do Deus que se põe do lado dos empobrecidos, excluídos, privados de dignidade, quando estes clamam por Ele, e contra os injustos e violentos que dominam seus semelhantes. No espírito da páscoa de Jesus, os cristãos continuam preparando a celebração da Páscoa e crendo no Deus libertador que, como no passado, ouve e vê o grito e o sofrimento de seu povo.